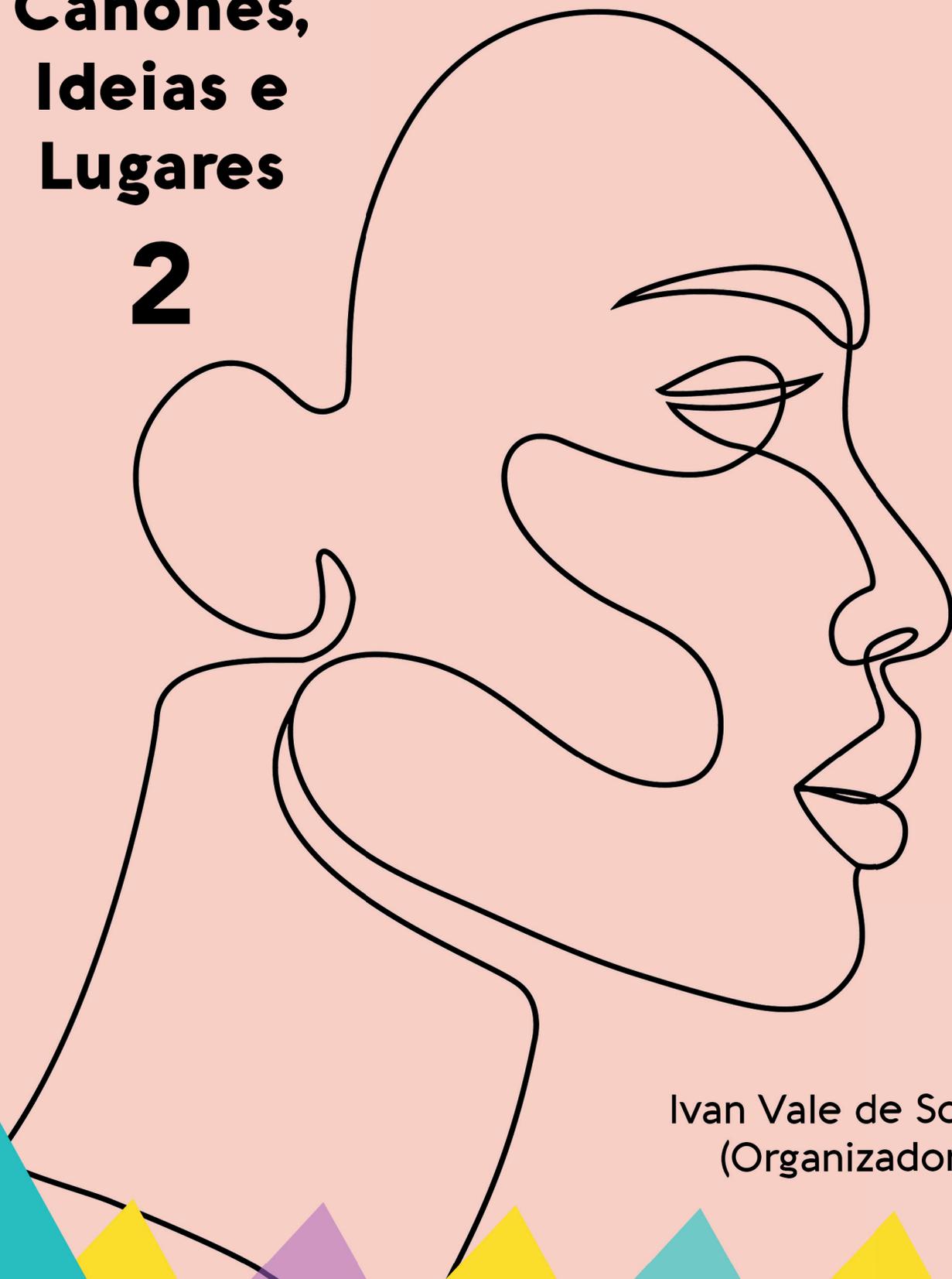


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

Ivan Vale De Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira	
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert	
Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa	
Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins	
Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 18/03/2020

Alice Fátima Martins

Universidade Federal de Goiás/UFG; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq
Goiânia – Goiás

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2768377569632609>

Márcio Mário da Paixão Júnior

Universidade Federal de Goiás/UFG
Goiânia – Goiás

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4960538795655132>

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar algumas questões sobre as relações entre cinema e identidade, tendo em vista referenciais de pertencimento construídos a partir de atividades no âmbito da arte e da cultura. Para tanto, serão consideradas três projetos desenvolvidos em Goiânia/GO: Mostra Internacional de Cinema Fantástico; Escola Goiana de Desenho Animado; MMarte Produções. O relato desses campos de atuação montará o cenário para tais reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Identidade;

Cultura; Educação.

ON THE TRASH WAY: QUESTIONS ABOUT IDENTITY, CINEMA AND THE INTERNATIONAL FANTASTIC FILM FESTIVAL

ABSTRACT: The goal of this paper is to present some points about the relations between cinema and identity, considering the notion of belonging observed in activities of art and culture. For that, we will consider three projects developed in Goiânia/GO: Crash International Fantastic Film Show; Goiana School of Cartoon; MMarte Productions. The reporting of these fields of action will set the context for such reflections.

KEYWORDS: Cinema; Identity; Culture; Education.

1 | INTRODUÇÃO

Neste texto, as relações entre cinema e identidade são pensadas tendo referenciais de pertencimento construídos a partir de um conjunto de atividades no âmbito da arte e da cultura. Nos anos 1990, uma geração se insurgiu contra limitações de diversas ordens, das políticas às econômicas, em defesa do direito de produzir suas próprias narrativas.

Não está em questão o conteúdo das narrativas, mas como tais narrativas foram e são produzidas, e em que medida elas reverberam tomadas de posição no mundo. Por narrativa entendem-se não apenas as narrativas fílmicas, ou literárias, ou de outra linguagem específica, mas as narrativas que constituem os imaginários, conformando visões de mundo. Poderiam ser chamadas de narrativas de identidade.

Assim, as reflexões aqui compartilhadas estão entrelaçadas a partir de três frentes de trabalho deflagradas em Goiânia, no Estado de Goiás (Brasil), desde o final da década de 1990. Os trabalhos reportados são a TRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico; a Escola Goiana de Desenho Animado, que atua no campo da formação de profissionais; e a MMarte Produções, por meio da qual é possível manter regularidade na criação e produção audiovisual.

2 | FLASHES DE UMA CENA CULTURAL UNDERGROUND BRASILEIRA

Na última década do século XX, no Brasil, a chamada cena cultural alternativa ganhou fôlego, envolvendo coletivos e projetos de diversas naturezas no campo artístico. Por cena cultural alternativa entendem-se as atividades que buscam estabelecer vias diversas às do mercado cultural, artístico e econômico dominante. Muitas vezes, têm traços *underground*, constituindo-se fora de territórios chancelados, rebelando-se contra eles, ou, pelo menos, desobedecendo aspectos de seus conjuntos normativos.

Esse período antecedeu a intensificação da popularização nos acessos à internet. As estratégias de comunicação entre os grupos interessados nessas produções ainda integravam outras redes, das quais os Correios cumpriam papel central. Cartas, fanzines, *demo tapes* e filmes circulavam por todo o país. Naquele período, produzir cinema ainda era uma atividade restrita a poucos que conseguiam alavancar um considerável montante de recursos financeiros. Realizar filmes demandava dinheiro. Na contramão dos limites econômicos, alguns jovens ignoravam as regras e padrões da indústria audiovisual para produzir os chamados vídeos autorais. Munidos de precárias câmeras VHS e usualmente utilizando dois aparelhos de videocassete interligados como ilha de edição, produziam “filmes” estrelados por amigos, lançando mão de ironia, deboche, humor escrachado e muito sangue à base de ketchup, ou mesmo chimarrão. O resultado era tecnicamente precário e inaceitável tanto para o circuito de festivais de cinema quanto para a televisão. Eram os filmes classificados como *trash*.

No interior de Santa Catarina, Petter Baiestorf foi o principal representante desta geração (BAIESTORF & SOUZA, 2004). Filmes como *O monstro legume do espaço* (1995) e *Caquinha superstar a go-go* (1996) foram distribuídos via correio em milhares de fitas VHS.

Nesse período, ganhou visibilidade, no Brasil, o cinema de Roger Corman, diretor,

roteirista e produtor norte-americano, realizador dos chamados filmes B. Do mesmo modo, aumentou o público das produções da Troma Filmes, fundada por Lloyd Kaufman e Michael Herz, em 1974, nos EUA, uma das mais antigas produtoras independentes em audiovisual.

Revistas e jornais importantes davam ênfase aos filmes trash, em contraponto ao cinema blockbuster, cada vez mais milionário e refratário às experimentações e renovação da linguagem. Nesse fluxo, não tardou para que o trash se tornasse cult. E mesmo nosso maior nome do cinema de gênero, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, reencontrou grande popularidade por meio do programa vespertino Cine Trash, exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão na segunda metade da década de 1990.

O grande desafio com que se deparavam os novos cineastas trash brasileiros estava nas janelas de exibição para seus trabalhos, que eram praticamente inexistentes fora do o mercado direto de compra dos filmes em VHS, dos próprios realizadores. E também a projeção em bares e pequenos shows de rock.

Considerado esse cenário, e tendo em vista criar um espaço para a exibição desses filmes em público, foi criada a TRASH – Mostra Goiana de Vídeo Independente, com primeira edição em abril de 1999. A TRASH foi o primeiro festival audiovisual do Estado de Goiás, tendo antecedido em alguns meses a edição original do FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental. Na ocasião, estiveram presentes, além de Petter Baiestorf, o paulista José Salles, outra referência do trash brasileiro. Realizada no Centro Cultural Martim Cererê, com poucos recursos, a mostra atraiu a mídia espontânea, sendo pauta em jornais, rádios e programas televisivos dos principais veículos de comunicação do Estado.

Além dos vídeos de Petter e Salles, foram destaque na primeira edição da TRASH os filmes do saudoso realizador do Distrito Federal, Afonso Brazza (MARTINS, 2013). Também contou com a presença de Robério Star's Chic, dono das lojas Star's Chic, um fenômeno da comunicação goiana. Foi exibida uma compilação de cerca de 40 minutos dos impagáveis comerciais de suas lojas, dirigidos e protagonizados pelo próprio.

Contudo, o maior impacto da primeira edição da TRASH foi a motivação de dezenas de jovens goianos, sem experiência alguma no campo audiovisual, a realizarem obras para a mostra. A adesão surpreendeu. Alguns desses jovens, que produziram suas primeiras experiências em vídeo para participar da TRASH, posteriormente se tornaram profissionais da cadeia produtiva do audiovisual goiano. Nesses termos, a mostra assumiu também um papel formador.

A primeira edição da TRASH contou com um público estimado em 3.000 pessoas. Desde então, contabilizam-se dez edições, todas com algum suporte municipal ou estadual. Esta foi uma condição necessária para a sua manutenção, uma vez que um evento denominado TRASH mostrou-se muito avesso à captação de patrocínios junto à iniciativa privada, sobretudo mais recentemente, quando o gênero trash perdeu empatia

junto às novas gerações.

Em dez edições, a TRASH trouxe a Goiânia cineastas de renome, como os seminais José Mojica Marins, Ivan Cardoso e Carlos Reichenbach. Estiveram também presentes o premiado Paulo Sacramento, e realizadores alternativos como o carioca Christian Caselli. Pesquisadores como Carlos Primati e Laura Cánepa já participaram da mostra, em debates, oficinas e workshops.

A oitava edição da TRASH, realizada com grande sucesso em dezembro de 2016 (com um público estimado em 2.000 pessoas), trouxe grandes transformações ao festival. Agora intitulada TRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico, o festival deixa a centralidade do gênero trash, para dar espaço a filmes de terror, ficção científica e fantasia. A mostra passou, então, a ter um caráter efetivamente internacional em 2017. Se na edição anterior o festival aconteceu no Cine Cultura, que pertence ao Estado de Goiás, em 2017 a mostra ocupou uma das salas dos Cinemas Lumière, no Shopping Bougainville. Essas salas primam por uma programação alternativa ao cinema mainstream norte-americano, embora integrem um circuito comercial.

Apesar do sucesso da edição 2017, a parceria entre a TRASH e o Cine Lumière Bougainville não se consolidou. A mostra retornou então ao Cine Cultura no ano seguinte para sua emblemática décima edição, agora sob um novo nome: CRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico.

A mudança de TRASH para CRASH respondeu ao anacronismo do termo trash. Na década de 1990 – período que assistiu ao nascimento da mostra – trash era sinônimo de ousadia, resistência, independência e contraposição aos padrões impostos pela indústria cinematográfica. A ideia de se produzir audiovisual sem recursos suficientes para tal era, por si só, subversiva. Com o vertiginoso avanço das tecnologias digitais, produzir audiovisual com qualidade técnica profissional – e sob custos consideravelmente baixos – tornou-se uma realidade concreta. De modo que perdeu sentido a feitura de obras que trouxessem a marca de uma precariedade amadorística da imagem. Já aquelas que intencionalmente buscam tal precariedade como estética em si, encontraram na internet uma adequada janela de exibição. Importante notar que mesmo realizadores historicamente ligados ao gênero mostravam-se cada vez mais desconfortáveis com o termo trash. Petter Baiestorf é o exemplo mais sintomático. De algo cool/cult, o trash voltava a ser lixo.

A escolha do nome CRASH para a mostra nasceu da ideia de ruptura implícita na palavra da língua inglesa. Além disso, o termo é uma onomatopeia típica das histórias em quadrinhos, referência da cultura pop onde, em certa medida, estão sediados os gêneros terror, ficção científica e fantasia. Por fim, a proximidade entre os termos TRASH e CRASH, na escrita e no som, se buscou traduzir a ideia de uma mudança que não renega o próprio passado. O novo título CRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico teve ampla aceitação entre público e realizadores.

3 | POR UM MUNDO ANIMADO (OU O PAPEL DE UMA ESCOLA QUE PROPÕE ENSINAR COMO PRODUZIR ANIMAÇÃO)

O projeto da Escola Goiana de Desenho Animado (EGDA) data de 2009, mas seu embrião antecede a 2005, quando Otto Guerra, diretor de desenhos animados, ministrou uma oficina no festival Goiânia Mostra Curtas. Sua então assistente de produção, Márcia Deretti, o acompanhava, ela que tomaria parte na criação da escola. Essa história está relatada no artigo “MMarte Ataca!”, publicado no livro “Maldita Animação Brasileira” (2015), organizado por Sávio Leite.

A animação não é um gênero, mas uma técnica do audiovisual, que envolve uma complexidade para sua realização. Em razão disso, há uma grande carência de animadores, não apenas em Goiás, mas no cenário nacional e internacional. Nessa constatação fundou-se a criação da produtora goiana MMarte Produções, e da escola EGDA, cujos cursos foram divididos em dois módulos, básico e avançado. O módulo básico consiste na aprendizagem da linguagem da animação e é ministrado analogicamente, em mesas de luz. A intenção por trás disso é que os alunos dominem os fundamentos técnicos da animação clássica, em duas dimensões (2D), de modo que posteriormente ele possa migrar para quaisquer outras técnicas com solidez, sejam elas analógicas ou digitais. Já o módulo avançado prevê a finalização de um pequeno projeto, com os alunos trabalhando em diferentes etapas da produção de um desenho animado. Tanto a produtora quanto a escola foram criadas a partir da sociedade estabelecida entre Márcia Deretti e Márcio Paixão Júnior.

Os últimos anos viram uma grande transformação na produção de desenhos animados em Goiás. Não seria um exagero afirmar que as animações aqui desenvolvidas ocupam papel de destaque no audiovisual goiano, estando entre os nossos filmes mais reconhecidos e premiados, dentro e fora do país. Neste panorama, a presença da EGDA pode ser considerada de forte impacto.

Atualmente temos curtas, séries de TV e mesmo filmes de longa-metragens sendo produzidos em animação no Estado de Goiás. Produtoras como Mandra Filmes, Casa de Cinema e mesmo MMarte Produções estão em plena atividade. Em todos estes projetos, sem exceção, há a presença de alunos egressos da Escola Goiana de Desenho Animado.

Os módulos básico e avançado da EGDA duram, em média, 60 horas cada. Para sua viabilização, contamos com o amparo de leis de incentivo à cultura. Nestes casos, os cursos são gratuitos. Quando não é viabilizado apoio por editais públicos, os estudantes pagam uma taxa de manutenção. A EGDA e a MMarte compartilham a sede, por onde já passaram os professores Flávio Reis (animador carioca com serviços prestados para a Rede Globo), Wesley Rodrigues (talento local considerado um dos nomes mais importantes da animação brasileira contemporânea) e Emerson Rodrigues (de Brasília, com expressiva atuação no mercado publicitário através de seu antigo estúdio Buraco de

Bala).

A atuação da Escola Goiana de Desenho Animado não se restringe apenas aos cursos de formação direta. Desde 2007 realizamos a edição local do Dia Internacional da Animação (D.I.A.) – maior evento simultâneo do audiovisual brasileiro, atingindo em média 250 cidades. Sempre ao dia 28 de outubro – data em que Émile Reynaud projetou pela primeira vez seu teatro ótico no Museu Grevin, Paris, em 1892 – é exibida uma mostra nacional e outra internacional. Aqui, incluímos uma terceira mostra, com os filmes goianos produzidos no ano em questão.

4 | PAISAGEM CINEMÁTICA (OU QUAL O PANORAMA DO CINEMA NA MINHA REGIÃO)

É possível afirmar que a produção audiovisual goiana esteja saindo de sua fase embrionária. Diversos filmes, de curta ou longa-metragem, e séries encontram-se em produção, nos mais distintos gêneros. A GoFilmes, Associação das Produtoras de Cinema e TV de Goiás, realizou uma pesquisa buscando cartografar a produção local, em 2017. A pesquisa apresenta um cenário promissor (GOFILMES, 2017).

É necessário, nessa direção, considerar o importante papel dos programas de lei de incentivo como impulsionadores dessa produção. Ainda que deficitários, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura, a Lei Goyazes (estadual) e o Fundo de Arte e Cultura de Goiás, junto a programas federais específicos, têm fomentado positivamente a produção audiovisual. O recuo observado nos mecanismos de incentivo, mais recentemente, já impacta negativamente nessa produção.

O circuito dos festivais também exerce papel fundamental na formação e veiculação dessas produções. Público e realizadores entram em contato com produções e realizadores de outras partes do Brasil e do mundo. Aprendizagens de toda sorte são potencializadas nesses encontros, resultando na ampliação da qualidade técnica, profissional e artística das produções.

Ressalta-se, assim, a natureza formativa dos festivais. O FICA Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, que em 2018 chegou à 20ª edição, foi iniciado antes de haver as políticas públicas de incentivo, na forma dos editais. Esse festival deixou uma marca importante, como tendência, no cinema goiano: as temáticas ambientais. Esse fato é um indício da potência formativa dos festivais.

Do mesmo modo, o Goiânia Mostra Curtas, com 18 edições realizadas, é outro marcante festival. Se é recorrente a queixa de que as curadorias não dão o devido destaque ao cinema local, é inegável sua influência na produção regional, porquanto propicie o contato do público local com o melhor do cinema em curta-metragem produzido no Brasil. Além disso, o ICUMAM, OSCIP responsável pelo evento, realiza ações de formação em

audiovisual.

O impacto provocado por mais de uma década de realização do Dia Internacional da Animação em Goiás sobre a animação local pode ser constatado na abertura de novas perspectivas criativas a animadores em potencial, bem como nos cursos e oficinas de formação realizados durante o D.I.A., sempre voltadas aos diferentes métodos de produção do cinema de animação.

O desenvolvimento da animação no Estado de Goiás enfrenta dificuldades advindas da própria especificidade do campo, o que gera dificuldades em se compreender do que trata o desenho animado. Merece destaque a confusão decorrente de se pensar a animação como gênero, e não como técnica/linguagem. Em razão disso, editais e festivais tendem a enquadrar ou segregar a animação como uma espécie de “prima pobre” do audiovisual. Ainda hoje prevalece a ideia de que animação é audiovisual dirigido ao público infantil, e não uma forma de expressão que pode tratar de quaisquer temas.

No entanto, a produção de animação permanece como o mais complexo – e caro, tecnicamente falando – campo do audiovisual. A falta de esclarecimento a esse respeito leva à grande dificuldade de financiamento. Em que pesem as dificuldades enfrentadas pela animação no contexto do cinema local, ela vem se consolidando como uma de suas mais fortes expressões.

Paralelamente ao fomento propiciado pelas leis de incentivo e aos festivais, um terceiro vetor, fundamental, soma-se ao desenvolvimento do cinema e audiovisual goianos: a formação. Para além de projetos como os do ICUMAM, Casa de Cinema (coordenada pela Professora Doutora Rosa Berardo) e a própria Escola Goiana de Desenho Animado, o surgimento dos cursos superiores Cinema e Audiovisual na Universidade do Estado de Goiás (UEG) e no Instituto Federal de Goiás (IFG) provocaram um impacto decisivo na profissionalização ocorrida nos últimos anos.

Na UEG, apesar das dificuldades estruturais, já se formaram diversos profissionais hoje reconhecidos na área, tanto na produção audiovisual propriamente dita, quanto como programadores para a importante sala de cinema Cine Cultura, mantida pelo Governo do Estado. O Bacharelado em Cinema e Audiovisual do IFG, mais recente, começa a render frutos semelhantes. Um aspecto que não pode ser desconsiderado é o fato de o curso estar sediado na Cidade de Goiás, onde ocorre o principal festival de cinema do Estado, o FICA. Percebe-se aí a intenção de transformar a antiga capital em um polo para o audiovisual local.

5 | EDUCAÇÃO, REDES E ALÉM (OU COMO ATRAVESSAR FRONTEIRAS)

Os projetos Escola Goiana de Desenho Animado (EGDA) e TRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico possuem relações diretas com processos educacionais e de formação, sejam eles de natureza formal ou não formal. A EGDA é um projeto e um

espaço de formação de animadores. Como foi dito anteriormente, a técnica da animação é complexa e específica, necessitando de processos educacionais também específicos na formação de profissionais para este segmento do audiovisual. Desde 2009 o projeto tem capacitado animadores a ingressarem nesse mercado profissional.

Ainda que o foco da Escola seja o ensino da linguagem e técnica da animação, buscamos abrir um pouco o espectro dos processos de aprendizagem dentro dos cursos e oficinas oferecidos. A ementa dos módulos básico e avançado não se restringe ao ensino das técnicas de animação clássica 2D, mas propõe também realizar, ao longo dos cursos, discussões acerca da animação como expressão. Informações sobre a história da animação, bem como a exibição de filmes que fogem aos modelos hegemônicos da indústria são preocupações constantes para a EGDA.

As oficinas usualmente oferecidas dentro da programação do Dia Internacional da Animação de Goiás compartilham a mesma abordagem dos cursos da EGDA. E, em certa medida, funcionam como ações suplementares de formação. A vinda de reconhecidos profissionais de outras partes do país para compartilhar experiências com animadores (e aspirantes) locais, busca cumprir este papel.

Os processos de capacitação deflagrados pela EGDA têm obtido êxito. A produção de animação local, ainda que longe de parâmetros considerados adequados, tem usado a mão de obra formada na Escola. A própria MMarte Produções termina por absorver animadores egressos da EGDA. Para além disso, também temos assistido a diversos ex-alunos desenvolverem projetos autorais.

De uma perspectiva institucional, EGDA e MMarte têm estabelecido parcerias pontuais com o ensino superior. Diversas palestras já foram dadas a estudantes de artes, design, cinema e comunicação para instituições como UFG, Faculdade Araguaia, PUC, UEG, Cambury, Estácio de Sá e Alfa. Em sentido inverso, muitas das edições do D.I.A. tiveram como público estudantes advindos de universidades, em ações deliberadas junto às coordenações de curso.

O mesmo pode ser observado em relação à TRASH. Ao longo da mostra, há sessões e debates com presença de estudantes universitários que têm no evento uma atividade extracurricular oficial em relação a determinadas disciplinas. As oficinas e workshops realizados na TRASH possuem um caráter formativo. Os cursos variam desde abordagens mais práticas às discussões mais teóricas.

Em todo seu percurso, a TRASH se pautou por uma curadoria voltada a filmes de baixo orçamento, vistos como “amadores” a partir dos parâmetros da indústria audiovisual. Neste sentido, a mostra sempre instigou a produção fora de moldes convencionais e comerciais. Assim, muitos jovens, que antes acreditavam ser impossível realizar filmes sem um conjunto de recursos materiais e conhecimentos técnicos e teóricos, acabaram por se aventurar na criação audiovisual.

O avanço tecnológico alterou significativamente este panorama. Hoje, a produção

de imagens, incluídas as imagens em movimento, está ao alcance de grande parte da população usuária das tecnologias de informação e comunicação. Celulares e outros dispositivos digitais baratearam esta perspectiva. Se antes a maioria das pessoas consumia, de modo mais passivo, imagens produzidas por outrem, agora as imagens são produzidas e disseminadas aos borbotões.

Tais transformações tecnológicas redimensionaram a natureza da TRASH, que deixou de ser um festival de filmes trash, tornando-se, em 2016, um festival internacional voltado ao gênero fantástico, englobando as temáticas terror, ficção científica e fantasia. Ao tornar-se internacional, a mostra ampliou sua rede de modo surpreendente. A edição de 2016 recebeu 2.393 filmes inscritos, oriundos de 111 países diferentes. Isso também só foi possível graças aos avanços da tecnologia digital.

No Brasil, a inexistência de uma indústria voltada ao cinema de gênero fortalece a importância dos festivais para os realizadores de cinema fantástico, trash, underground e experimental. Este circuito acaba por consolidar uma rede que congrega todos os elementos desta peculiar cadeia produtiva. O mesmo ocorre no campo da animação. O ANIMAMUNDI, um dos maiores festivais voltados à animação do mundo, é um marco no cenário brasileiro. Praticamente toda a produção em animação realizada no país aspira ser exibida em suas telas. Outros festivais conseguem se articular melhor numa rede de exibição e resistência da animação brasileira. Dois exemplos são o MUMIA – Mostra Udigrudi Mundial de Animação, de Belo Horizonte; e o ANIMAGE, de Recife. Ambos já realizaram curadorias exclusivas para o Dia Internacional da Animação de Goiás.

O MUMIA estabelece parceria com a Escola Goiana de Desenho Animado e o D.I.A., e com a TRASH. Realizada por Sávio Leite, a Mostra Udigrudi Mundial de Animação tem como princípio não estabelecer critério algum de seleção. Filme inscrito é filme exibido, desde que se situe no campo da animação. E mesmo as fronteiras deste campo são entendidas como não excludentes.

6 | PROVISORIAMENTE, CONCLUSÕES

O assunto eixo deste trabalho é identidade e pertencimento. O território é o cinema de baixo custo, experimental, e a animação. Seu argumento está na necessidade de se assegurarem espaços de formação, seja em contextos de educação formal, em ambientes de educação não formal, nos circuitos dos festivais, e quantos outros loci, onde se possa instigar aprendizagens, pesquisa, produção.

O relato referente ao percurso da TRASH, da EGDA, e da MMarte pretendeu demonstrar, por meio de um breve mapeamento, o fato de que os trabalhos de produção, reflexão, estabelecimento de redes de compartilhamento e formação são indissociáveis. Nesse sentido, é necessário que se assegurem espaços de reflexão sistemáticos que

ultrapassem os processos de análise fílmica, buscando compreender as dinâmicas sociais, culturais e educativas, constituidoras das bases sobre as quais esses processos de criação se desenvolvem.

Finalmente, ressaltamos que as fronteiras demarcatórias entre as artes visuais, as artes contemporâneas e o campo do cinema mostram-se cada vez mais frágeis e porosas. Sobretudo, quando se têm em pauta questões sobre cinema experimental, animação, e suas relações com educação, seja formal ou não-formal. Tal constatação aponta para a necessidade de se avançar na sistematização de estudos a esse respeito, em territórios fronteiriços, com potência indiscutível nos processos de formação, criação e produção de narrativas de pertencimento.

REFERÊNCIAS

BAIESTORF, Petter; SOUZA, César. **Manifesto canibal**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2004.

CAQUINHA Superstar a Go-Go. Direção e produção: Petter Baiestorf. Duração: 70 min. Brasil. 1996.

GOFILMES. **Cinema e tv em Goiás**: catálogo da produção audiovisual em Goiás 2017. Goiânia: GOFILMES/ SEDUCE, 2017. Disponível em: <<http://www.gofilmes.org.br/wp-content/themes/gofilmes/Catalogo.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2019.

MARTINS, Alice Fátima. **Catadores de sucata da indústria cultural**. Goiânia: Ed. UFG, 2013.

PAIXÃO JR, Márcio Mário. MMarte Ataca!. In LEITE, Sávio. **Maldita animação brasileira**. Belo Horizonte: Ed. Favela é Isso Aí, 2015.

O MONSTRO Legume do Espaço. Direção e produção: Petter Baiestorf. Duração: 77 min. Brasil. 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0